ANNO 8.º — Sexta-feira, 4 de Fevereiro de 1916 — NUMERO 407

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Proseguindo

«A lisonja não floresce na terra da sepultura. Deante das cinzas dos mortos póde e deve dizer-se a verdade toda.»

REBELO DA SILVA

JOSÉ ESTEVAM

José Estevam foi um paladino e um apostolo da Liberdade; combateu por ela como soldado, lutou por ela como tribuno. Fez prodigios de valor o seu braço heroico; fez milagres de eloquencia a sua palavra dominadora.

Um dia percebeu que a reacção e o jesuitismo, irmãos e aliados na mesma cruzada nefasta, iam acoutar-se nas escolas e nos hospitaes, escondidos sob a roupêta das *irmãs da caridade*. Surpreendeu-lhes o plano e denunciou-o á indignação do país.

Não precisava a caridade portuguêsa de fanaticas arregimentadas no estrangeiro. Nunca faltará uma alma carinhosa de mulher ás creanças, nem um lampejo de piedade aos desvalidos.

A caridade era um estratagêma da reacção, sacrilego, mas astucioso. As irmãs de S. Vicente de Paula eram as avançadas do jesuitismo; a voz prestigiosa do tribuno soltou *o* grito de alarme e a luz imensa do seu talento, semelhante a esses enormes fócos electricos que iluminam de subito os modernos campos de batalha, surpreendeu, pôz em evidencia em todo o seu aspecto sinistro, a cruzada negra que avançava para nós.

E como nos grandes dias da liberdade, e como nas horas angustiosas da Patria, a voz prodigiosa de José Estevam vibrou como um clarim de batalha e sacudiu a alma nacional num arrebatamento e paixão pela liberdade.

Vencidos, os jesuitas e os reaccionarios votaram-lhe o seu eterno odio.

Intimidava-os aquela figura extraordinaria, feria-lhes a pupila o fulgor daquele talento portentoso; a coruja sentia que não podia equilibrar-se com a aguia, a hiena percebia que não podia luctar com o leão, e passou rasteira, muda, humilde como um cachorro, na penumbra do grande homem.

Vingar-se-iam.

. . . .

A morte prostou o atleta e emudeceu para sempre essa voz, que fazia comover a alma gigante da patria.

Era a hora propicia. Ah! Mas contra todas as vinganças que se pretendam cometer, nós desafronta-lo-emos, não deixando que, impunemente, se maculem as cinzas do maior português do seculo passado.

MANUEL FIRMINO

Politicamente — um imoral; intelectualmente — um mediocre.

Foi condenado por sentença de 26 de julho de 1870 e em virtude de ter negado a José Pires Barbosa, de Viana do Castelo, a divida constante de uma letra de 1:200$000 reis, que, conforme o costume, não queria pagar.

Foi tambem condenado por sentença de 19 de novembro de 1879 ao pagamento de 1:546$380 reis na acção que lhe moveu o subdito britanico, Astley Campbell Semith, pena que tem ainda a agrava-la a má fé que se mostra da parte do réu.

Quando presidente da câmara de Aveiro, em 1887, foi, por um seu correligionario, obrigado a entrar no cofre com a quantia de 6:240$000 reis, que dele havia distraído para as suas despezas particulares.

Como governador civil, apezar da sua falta de competencia e habilitações, quiz tambem meter as mãos no cofre do Estado, de que era fiscal e claviculario.

Introduziu no hospital de Aveiro as irmãs da caridade, o que lhe valeu ser apupado e apedrejado nas ruas da cidade a quando da sua expulsão violenta.

Injuriou, caluniou e difamou no *Campeão das Provincias*, de que era redactor e proprietario, José Estevam Coelho de Magalhães.

Por ter fugido á responsabilidade duma gráve acusação feita a José Luciano de Castro, foi por este alcunhado de cobarde em plena câmara dos deputados, com aplauso de quasi todos os representantes da nação.

Etc. Etc. Etc.

Querem arremeçar-nos á cára a injuria mais afrontosa ainda do que aquéla que alvoroçou Aveiro em 1888, porque pretendem deprimir, num miseravel confronto, a memoria do mais brilhante e nobre filho desta terra. Havemos de cruzar os braços? Havemos de deixar vingar o infame atentado e, como eunucos ou párias prostituidos, quedar-nos, silenciosos, deante dessa inqualificavel ignominia em que se mira envolver a Companhia dos Caminhos de Ferro?

Não, não e não! Até á ultima é do nosso dever firmar bem alto o padrão imorredouro das nossas glorias: José Estevam, o astro luminoso de tamanha grandêsa, o impoluto caracter, a alma diamantina que a historia aponta e consagra pelo seu grande valor moral e intelectual, não precisa figurar em "panneaux,, na estação, e muito menos ao lado dum burlesco regedor, heroe, em vida, de mil e uma proezas deprimentes.

Atente a Companhia no que vai fazer e méça com reflexão as responsabilidades que assume caso venha a tornar-se impotente para resistir ao empenho dos que desejam leva-la á prática de tão lastimavel cometimento.

Do Porto

25 ANOS DEPOIS

Escrevo á meia hora da noite de 1 para que o meu artigo chegue ainda a tempo do proximo numero do *Democrata*, e, não para fazer aos seus leitores descrições que largamente encontrarão nos diarios desta cidade, mas para deixar apenas consignadas as minhas impressões pessoais e o que pude observar e concluir na massa anonima dessa população enorme que ao tumulo dos vencidos de 31 de janeiro foi levar o preito de gratidão que lhes deve.

A arvore da liberdade que eles regaram com o proprio sangue, faz hoje precisamente 25 anos, frutificou alfim, aos 20 anos depois, vinte anos de um interminavel agonisar, de um constante resvalar para a ruina de um povo que não podia morrer só por que mãos ineptas não podiam salva-lo.

Numa sacudidela mais violenta, arrancaram-se da pele os escalrachos que a carcomiam, limpou-se a lepra da concussão que a minava, e o país levantou a cabeça em fim, doente é certo, numa convalescença que lhe levará ainda anos, mas salvo finalmente da morte ignominiosa que lhe preparavam: da falencia política, da bancarrota!

Nem quero fazer estudos de psicologia das multidões, nem considerações de ordem filosofica com que nem o momento, nem o espaço se compadecem.

Mas é preciso viver, sentir o pulsar da turba para lhe avaliar os sentimentos e o estado d'alma. E' preciso conhece-la nos seus impulsos, ouvir-lhe o seu rugir, descobrir-lhe na fronte o traço inergico da vontade, para a poder compreender bem, que sò ela é soberana, que só ela dirá a ultima palavra nos destinos da sua Patria.

E' preciso ter-se visto a suprema decisão, a energia, o entusiasmo que se apoderou do povo do Porto na manifestação, mais de protesto do que de dôr, prestada aos heroicos soldados mortos no primeiro combate pela Republica, para se compreender bem quão perigoso se torna aos inimigos do regimen, as suas tentativas de restauração monarquica.

E a manifestação de segunda-feira passada, foi, de facto, antes que uma visita sentimental ao tumulo dos que tombaram para sempre, na velha rua de Santo Antonio, o protesto solene de que a Republica por que eles morreram ha um quarto de seculo, tem em cada peito um escudo, em cada cidadão uma carabina, e em cada alma um altar donde só a morte poderá apea-la.

Esse imenso cortejo que durante mais de uma hora desfilou deante do monumento dos vencidos, não foi mais do que o grito d'alma com que milhares de portuguezes lhes juraram que a Republica não morrerá, que a Republica será defendida até á ultima gota de sangue do ultimo republicano que diante da sua imagem augusta possa empunhar uma espada para a luta.

* * *

Do que foi a comemoração desse dia historico, tão significativa na sua singelêsa, tão grande na sua simplicidade, destacarei apenas o lado moral e politico do acto.

E deste resaltaram claros, evidentes, incontroversos, irrefutaveis dois factos principais: que a Republica vai ganhando terreno e que o ideal republicano vai florindo, prometedor e belo, em todas as classes e em todos os campos; o outro foi um decisivo voto de apoio que o dr. Afonso Costa aqui veio encontrar á sua marcha governamental.

Este, como o primeiro, foram factos que se evidenciaram, pois. Se no dr. Bernardino Machado, se no Presidente da Republica o povo do Porto victoriou e aclamou a Republica, o ideal republicano, o chefe do Estado como representante de um principio, no dr. Afonso Costa, aclamou o estadista de pulso, o politico habil e energico, o patriota e revolucionario insigne que á sua Patria tem dado o melhor das suas energias, da sua actividade, da sua inteligencia; aclamou — e com que delirio, constantemente! — o inclito cidadão de quem o povo, de quem a nação, muito, muitissimo espera.

Isto viu-se, foi palpavel e ao seu proprio espirito não passou despercebido, pois via, com desejo de conhecer, como o ideal republicano vai avassalando e caminhando pelo país.

Houve ainda uma outra nota muito significativa e egualmente notada: o concurso feminino. A mulher portuguêsa sobresaltou-se com o inesperado do 5 de Outubro e recebeu a Republica com certa desconfiança.

Manejos religiosos, que em espiritos fracos de mulheres encontraram sempre o melhor campo de... trabalhos praticos, conservaram-na nessa espectativa hostil, sem motivo justificado.

Mas a desconfiança foi passando, e a mulher aproximou-se da Republica, deu-lhe as mãos, e reconheceu então que era sincero o amplexo trocado. O elemento feminino fez-se representar largamente no cortejo civico do dia 31 e a influencia que este facto deve ter nos espiritos timoratos, nas educadoras de futuras gerações, deve ser decisivo para a difusão do ideal republicano no país.

Por ultimo, a comemoração dessa data gloriosa, foi ainda um belo ensinamento: as bombas de Lisboa, os assaltos da capital deixaram impassiveis os manifestantes republicanos do Porto.

O movimento de indignada revolta natural pelo estupido atentado e... ninguem mais tremeu, á espera dos acontecimentos.

Ora, a firmeza da atitude desconcertou-os e a arruaça ficou por ali. Cá não buliram.

Humberto Beça

A' memoria DE FRANÇA BORGES

Transporte	30$50
Anibal Rezende (Vila Machado) Africa Oriental	6$97
Daniel M. Freire Côrte-Real, A. Silvestre de Jezus e Carlos Jacinto Machado, Shanghai (China).	9$55
Soma.	47$02

As duas quantias acima descritas, faziam-se acompanhar das seguintes cartas que é do nosso dever inserir para conhecimento dos companheiros do dasditoso jornalista que ainda trabalham no *Mundo*:

Meu caro amigo

Tendo o «Democrata» *iniciado uma subscrição publica, afim de ser levantado um monumento ao ilustre republicano e insigne jornalista que foi França Borges, junto envio um cheque duma libra em ouro, donativo este com que concorro para honrar a memoria do nosso saudoso correligionario.*

Aproveitando o ensejo, peço-lhe que apresente os meus sentidos pêsames á ilustre redacção do Mundo.

Creia-me seu amigo dedicado, correligionario e obrigado

Vila Machado (Companhia de Moçambique) 15—XII—915.

Anibal Resende

... *Sr. Director de* O Democrata

Aveiro

Os abaixo assinados, republicanos radicaes residentes em Shanghae (China), devotados admiradores das belas qualidades de caracter do intemerato jornalista que foi o falecido França Borges, ao mesmo tempo que apresentam sentidissimas condolencias á ilustre familia e aos companheiros de tra-

balho do estrenuo e insubstituivel defensor da Republica, que tão bem soube, nas colunas de O Mundo, enaltecer a causa sublime da democracia, defendendo-a até á morte com o maximo civismo e nobreza d'alma, aproveitam-se da subscrição aberta em O Democrata, belo jornal republicano radical de que são mui assiduos leitores, para se inscreverem com a quantia de $5.00 (cinco dollars) cada, no sentido de se erigir em Lisboa um monumento que perpetue, atravez dos anos, a memoria do insigne jornalista a grande republicano.

Assim, teem a subida honra de remeter a V. uma letra sobre Londres, que ao cambio do dia importa em l. 1.7.5.

Saude e Fraternidade.

Shanghae, 23 de Dezembro de 1915.

D. M. Corte-Real
A. Silvestre de Jesus
Carlos Jacinto Machado

31 DE JANEIRO

O *Democrata* fez-se representar na comemoração desta data historica, á que este ano os portuenses imprimiram a maxima pompa, pelo seu colaborador, sr. Humberto Beça, a quem agradece o desempenho dessa incumbencia.

MONARQUICOS E CATOLICOS

Anda na imprensa acêsa polémica entre amigos da religião, duma parte, e amigos do destronado Manuel de Bragança, doutra, sobre preferencias de regimen, e vai de aí o deputado catolico, Castro Meireles, que nos parece bem intencionado, escreve:

«A Egreja Católica vive com qualquer regimen politico e em qualquer regimen politico deve lutar pelas suas essenciais liberdades. Os católicos, como tais, nem são monarquicos nem republicanos. São irmãos.

A proposito citei umas palavras de William James sobre a necessidade do trabalho religioso e sobre a condenação do abstencionismo enervante.

Não se é republicano nem monarquico por motivos de ordem religiosa; póde-se se-lo por outros motivos. E por isso nunca eu poderia dizer que a minha consciencia religiosa me obrigaria a ser monarquico.

Citei ainda a vida da Egreja nos Estados Unidos e no Brasil, que são republicas.

A proposito disse que os monarquicos podem trabalhar pelos ideiais do Centro Católico, bem como os republicanos.

Estamos superiores a regimens e até a partidos. Cada um pode ter as suas preferencias, mas não as leva para o Centro Católico.

Pessoalmente tenho a minha simpatia pelo regimen monarquico, *baseado em principios muito diferentes daqueles que animam os chamados monarquicos portugueses.*

Deixe-me até dizer-lhe, meu carissimo amigo, *que prefiro a Republica á monarquia que esteve. E coisa interessante: desde que vim para Lisboa tenho recebido dos republicanos maiores provas de consideração que dos monarquicos quo são acima de católicos.*

Eis a resposta clara e precisa ao *Dia*, de 17 deste corrente mez, que, mal informado, me atribuiu uma doutrina que não perfilho de modo algum.

Havemos de fazer a propaganda da nossa doutrina por todos os meios, para que desapareçam por uma vez todas estas lamentaveis confusões.»

Por sua conta, *A Liberdade*, donde extraímos estes criteriosos dizeres, acrescenta:

«A audacia com que estes politicos, para quem a religião é uma simples arma de combate, dizem que ligando a causa da monarquia á causa da Egreja *prestam á esta um grande serviço.*

Tudo isto merece ficar arquivado tambem nas colunas do *Democrata*, porque é... eloquentissimo.

Padre Pato

PARA A SUA HISTORIA

Continuamos referindo o que foi a *escrupulosa e legalissima* administração do padre Pato na junta das Aradas.

Durante anos seguidos os seus *desinteressados* defensores teem vindo glosando sempre essa pretendida rectidão e abocanhando a honra de quantos naquela freguezia tiveram a coragem de resistir ás perseguições e vexames a que os quizeram sujeitar os protectores e apaniguados do Pato.

Pois vai-se desfazendo e ha-de desfazer-se a lenda e o padre, que por mal da ordem publica e da propria religião, ali se tem conservado contra todas as conveniencias, hade ficar reduzido ao que é: um homem teimoso que só tem levantado conflitos e atribulado os outros.

Não basta ouvir-lhe duas gargalhadas misturadas de baboseiras improprias de um paroco; não basta tão pouco ouvir-lhe as lamurias e vêr-lhe correr as lagrimas de corcodilo; o que é preciso é que as pessoas honestas e imparciais vejam e saibam o que é e o que faz o figurão lá na freguezia.

O padre Pato não tem inimigos por ser um poço de virtudes. Pelo contrario: em Aradas, quem assopra a discordia e quem levanta as inimizades é o proprio padre, que depois se diz vitima *dos que queriam roubar a junta e que ele não deixou!*

Como se algum dos seus adversarios fosse homem que precizasse de dez tostões alheios!

O sr. Antonio Tavares Lebre, o veterinario e oficial do exercito, agora em Africa, a querer assaltar a junta!

O sr. Duarte Tavares Lebre, director da fabrica de ceramica das Quintãs, a querer roubar o cofre da junta aqui ha anos atraz!

O sr. Alberto Rosa, considerado comerciante de Aveiro, a querer roubar a junta das Aradas!

O sr. Rocha Martins, velho professor de Verdemilho, que toda a gente conhece como generoso e desinteressado, a querer abotoar-se com os tostões da junta!

O sr. José Nunes da Ana, comerciante e lavrador, vereador da nossa camara, uma das melhores casas de Arada, a precisar de roubar a junta! Isto para não falarmos em tantos outros que teem as relações cortadas com o padre ou que pelo seu feitio e processos o aborrecem e que são das pessoas de mais representação, respeitabilidade ou ricos daquela freguezia.

Sim, para não falarmos de outras humildes, mas não menos honradas, que os aulicos do padre envolvem na mesma designação afrontosa de *canalha inimiga do Pato.*

A verdade é que não são *canalha* os nomes acima indicados. Não são dinamitistas, ladrões, assassinos, mandatarios de assassinos, o Francisco Piolho, um velho e honrado lavrador de Verdemilho, sempre respeitado; o Manuel Morgado, o Manuel Borralho, o Manuel Cantador, o José Batista, o Amandio da Rocha Ribeiro, antigo e estimado republicano, hoje no Brazil, o Manuel Paiva, o José Vidal, o Manuel João da Rosa, o Antonio Sarrico, o Alberto da Silva, o dr. Amadeu Tavares, o Alberto Souto, o Carlos Tavares, o José Leal, o José Borralho e tantos outros a quem o padre conseguiu transformar de seus amigos em adversarios ou aborrecidos pela sua pessoa.

Esta gente não é canalha e ninguem honesto é capaz de lho chamar; é gente honesta que pelo menos é tão honrada e tão respeitavel como os que mais o são. Toda esta gente e a restante que não nos recorda, tem sido tratada aí, nos jornais que defendem o padre, por *canalha, malta de ladrões, bando de sicarios e mandante de assassinatos*... em S. Bernardo e Fermentelos!

E é com estes processos e é por estes meios que o padre quer conquistar simpatias? E é assim que se quer impôr? E é então assim que se quer tratar uma questão em que tanta gente está empenhada por ter razão de queixa, por ter sido vitima de calunias, de ultrajes, de ofensas, de insultos, de desconsiderações, de vexames, de perseguições, por parte de quem devia ser o primeiro a dar o exemplo do respeito, da cordura e da bondade?

Ora... continuemos.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Dr. André dos Reis

Assumiu o comando da *Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes*, este nosso presado amigo e ilustre advogado nos auditorios da comarca, que, animado duma grande força de vontade, espera manter aquela humanitaria corporação á altura dos fins para que foi instituida.

Por largos anos.

ESPECTACULO

Para comemorar o 56.º aniversário do liceu e em beneficio da *Caixa Escolar José Estevam Coelho de Magalhães*, preparam os nossos estudantes uma récita que deve ter logar na noite de 19 do corrente, com as chistosas comedias *Guerra aos Nunes, Rosas de todo o ano e Medico-mania*, além de vários monologos e poesias cujo conjunto fórma um programa selecto, de molde a prever-se uma larga concorrencia ao espectaculo academico.

Fará a apresentação da academia, o dignissimo reitor, sr. dr. Alvaro de Moura, que entre éla gosa da maior consideração e estima, como temos tido ocasião de acentuar por mais duma vez.

Grande excursão republicana a Aveiro

O *Centro Democratico de Instrução Latino Coelho*, fundado em 1906 em Vila Nova de Gaia, projecta realizar uma visita de confraternisação com os republicanos désta cidade, no dia 7 de Maio proximo, para o que já principiaram os devidos preparativos, segundo as noticias que de ali nos chegam.

Do *Centro Latino Coelho* fazem parte velhos republicanos de rija tempera, que nos será grato vêr novamente a dentro dos nossos muros, pois é sempre agradavel e reconfortante a sua presença mórmente aos que, como nós, continuam a esforçar-se pelo engrandecimento da Republica.

A's autoridades

Srs. Comissario de policia, e dr. Delegado do Procurador da Republica nas comarcas de Aveiro e Agueda:

Pessoa que escreve num jornal désta cidade — *O Riso do Vouga*—tem feito ali gravissimas revelações sobre os crimes de S. Bernardo e Fermentélos.

V. Ex.as não deixem de ouvir o homem e de recolher o seu precioso testemunho. O homem sabe quem matou e quem mandou matar. Que deponha no processo!

E' preciso que o homem fale e diga os nomes das pessoas que comandam os bandos de assassinos.

Nada de subterfugios.

Pratos limpos e cartas na mêsa.

Ha em Arada, diz ele, gente que mandou matar um homensinho em Fermentélos e outro em S. Bernardo?

Castiguem-se os criminosos.

Com mandantes de assassinos não queremos nada.

O que queremos é que o homem se explique e se faça rigorosissima justiça.

Fale o homem!

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Tumultos

Desde o dia 29 de Janeiro, vespera da viagem presidencial ao Porto, que em Lisboa se teem produzido acontecimentos de cêrta gravidade, mascarados por fórma a que os ingenuos acreditassem num movimento a proposito da carestia da vida, mas que depressa se chegou a saber, pelos processos empregados, ser pura obra dos agitadores de profissão. Assim: saquearam-se casas, assaltaram-se estabelecimentos, destruiram-se generos alimenticios, roubou-se dinheiro, arremessaram-se bombas que mataram e feriram gente, tudo com o falso pretexto na questão das subsistencias, quando a verdade é que pela fórma como os *revoltosos*, os *famintos* se houveram, só uma coisa podiam ter em vista—alterar a ordem, dificultando a marcha da Republica, como convem aos monarquicos, já que a restauração cada vez se lhe afigura mais dificil.

Estão presos a bordo dum navio de guerra muitos operarios, a gréve geral, que eles tinham preconisado, abortou e agora seguem-se as investigações para serem apuradas responsabilidades, se bem que muitos republicanos não acreditem na sua eficácia, mórmente sendo feitas pelo sr. dr. Adolfo Coutinho, a quem o *Gatorze de Maio* põe em cheque, prometendo desfiar a sua incompetencia para se conservar á frente da policia de investigação.

Teem corrido muitos boatos, mas todos carecem de fundamento. No entretanto dá-se como cérta a saido do ministério do sr. Almeida Ribeiro, que está sobraçando a pasta do Interior, para ser substituido pelo sr. dr. Alexandre Braga e ainda que um largo movimento nas autoridades civis e policiais do distrito de Lisboa se operará de molde a satisfazer os desejos da Associação Comercial, que numa bem elaborada moção protesta veementemente contra os factos ocorridos e pede ao governo o maximo rigor nas penas a aplicar aos agitadores, qualquer que seja a sua categoria.

Se esse protesto fôr ouvido...

Viagem presidencial

No ultimo domingo, pelas 13 horas, passou no *rapido* para o Porto o venerando Chefe do Estado, acompanhado pelo presidente do Governo, ministros do Fomento e Instrução, tenente-coronel Manuel Maria Coelho e major Rodolfo Malheiros, dois dos bravos revolucionarios de ha 25 anos, e outras individualidades de destaque na politica, afim de assistirem ás festas comemorativas da revolução republicana de 31 de Janeiro.

Os ilustres viajantes eram aguardados na *gare* da estação por numerosa assistencia, entre a qual todo o elemento militar e civil, Bombeiros com a sua banda, Asilo com o seu estandarte e musica, filarmonica *José Estevam*, Academia e Câmara Municipal, com as suas bandeiras, banda militar acompanhando a respectiva guarda de honra, oficiaes da Capitania, professorado, etc., etc.

O comboio, que chegou com alguns minutos de atrazo, foi, ao entrar nas agulhas, saudado com uma salva de morteiros, tocando todas as bandas de musica a *Portugueza*, que a multidão ovacionou, descoberta. O ilustre Presidente e ministros receberam os cumprimentos das autoridades e logo seguiu o comboio entre os vivas erguidos á Patria, á Republica, etc.

Ante-ontem, no regresso á capital do sr. dr. Bernardino Machado e comitiva, voltaram a produzir-se identicas manifestações, recebendo o Chefe do Estado as carinhosas saudações do povo aveirense.

O nosso amigo Antonio Maria Ferreira, aguardando, com o pessoal da sua fabrica, a passagem do comboio, ocasionou que o sr. Presidente da Republica, saudando o operariado presente, estendesse a mão a uma das operarias, que, comovida e acanhadamente, correspondeu a gentileza de Sua Ex.ª. Este facto provocou entusiasticos vivas ao mais alto representante da nação, á Republica, ao sr. Afonso Costa, vivas que este estadista agradeceu erguendo um aos republicanos de Aveiro.

Chegando, com dificuldade, junto do sr. dr. Bernardino Machado o digno Comandante militar, foram feitos rapidos cumprimentos, e trocados mais alguns apertos de mão, o comboio de novo se pôz em marcha entre calorosos vivas de despedida.

Não ocorreu o mais leve incidente.

Francisco Antonio de Moura

Faz ámanhã 6 anos que se finou nesta cidade, onde possuia uma farmacia de que era gerente e proprietario, esse scintilante espirito, por quem nutrimos a maior das saudades, pois a ele deve o partido republicano do distrito de Aveiro serviços sem conta prestados sempre com toda a isenção e desinteresse.

Francisco Antonio de Moura morreu ha seis anos e no entanto parece que ainda o estamos ouvindo discutir sobre os acontecimentos que antecederam a proclamação da Republica, a que já não assistiu, infelizmente, apezar de por ela ter trabalhado quasi toda a vida.

Recordando a lugubre data, curvamo-nos deante das cinzas do nosso desditoso amigo e leal companheiro.

* * *

Na fórma do costume, *O Democrata* comemora o passamento do prestante cidadão, um dos principais fundadores do *Centro Escolar Republicano de Aveiro*, distribuindo pelos pobres das duas freguezias, a quantia de 5 escudos, que recebeu para esse efeito do acreditado droguista portuense, sr. José Ferreira Pinto Junior.

Incumbencia assaz honrosa, desde já lhe agradecemos a generosa dádiva em nome dos necessitados que vamos contemplar.

Ainda é administrador do concelho, comissario de policia, amanuense do governo civil e chefe da estatistica, ganhando a tres carrinhos, o sr. Francisco da Encarnação.

E o correligionario do sr. governador civil, Filinto Feio, fóra do logar que lhe compete!

Se o sr. Eugenio Ribeiro tambem pertence ao numero das autoridades que só vão á repartição, quando muito, seis horas por semana...

E' que assim tudo bate cérto, como dizia o outro.

PELA IMPRENSA

Passou o aniversário do estimavel colega de Anadia, *Bairrada Livre*, da direcção do nosso amigo Cipriano Alegre.

Jornal bem redigido e com uma orientação acentuadamente republicana, á *Bairrada Livre* só desejâmos que não esmoreça e continue a prestar ao regimen os bons serviços que nunca lhe regateou.

=Ao *Progresso*, désta cidade, cujo aniversário tambem passou, apresenta o *Democrata* os seus cumprimentos.

=Reapareceu em Coimbra, dirigido pelo sr. dr. Falcão Ribeiro, o antigo jornal *Resistencia*, que durante muitissimos anos foi o baluarte dos mais arduos combates contra a realêsa e contra a reacção, a sentinela vigilante das liberdades populares, que defendeu sempre com calor, energia e acentuado patriotismo.

A' *Resistencia*, com os nossos cumprimentos, expressámos igualmente a simpatia que nos merece pelas tradições que representa.

=Ouvimos que as comissões dos partidos democratico e evolucionista pensam na fundação de dois jornaes que sejam orgãos da sua politica.

O primeiro parece até que já recebeu os sacramentos do batismo: intitular-se-á *A Voz da Razão*.

NOVO LIVRO

Recebemos ha dias o XX volume da *Bibliotéca de Educação Moderna*, que se intitula **A Escravidão Social da Mulher**, devido á penna do sr. dr. Victor Rossumano, cidadão brazileiro.

Porque os nossos muitos afazeres ainda não nos deixaram sequer, abri-lo, limitamo-nos a agradecer ao proprietario da *Livraria Internacional*, sr. Abel de Almeida, a oferta que dele nos fez, prometendo ocupar-nos da sua doutrina apenas nos sóbre um pouco de tempo para o fazer.

Por Moçambique

Já aqui largamente nos referimos ás deprimentes e vexatorias perseguições que sofrem os empregados da Companhia de Moçambique e ainda a outras movidas contra cidadãos que, na Beira e outros pontos daquela provincia, se mostrem autenticos e convictos apostolos das novas instituições portuguezas.

O semanario *Patria*, que vê a luz da publicidade na cidade da Beira, jornal que além da sua superior orientação é um decidido defensor do novo regimen, dá-nos conta dum facto que, verdadeiro, como bem supomos que tenha sido, exige em nome de todos os principios, em nome da honra nacional e do proprio prestigio das instituições, um salutar e indispensavel castigo — para que não pareça que a justiça acabára no nosso país ou que continua ainda a subsistir essa desgraçada tolerancia que, entre nós, tem sido o factor mais grave e o auxiliar mais importante para manter todos esses actos de indisciplina e desrespeito que aí se repetem dia a dia.

Vâmos reproduzir o que a 9 de outubro findo refere o citado colégа:

....

No passado dia 5, quinto aniversario da proclamação da Republica Portugueza, além de varios factos de pequena monta, embora de propositada significação, a que noutro logar nos referimos, um facto se deu, que exige a imediata intervenção de Sua Ex.ª o sr. Governador Geral, representante supremo da Soberania Nacional nesta Provincia, a quem, lealmente o confessamos, já o comunicámos.

Posto isto, louvando a atitude dos que por motivos varios, evitaram, numa justa exaltação corrigir o desacato, narremos, calmamente, sem paixões partidarias, como simples portuguezes, o que portas a dentro do quartel da Guarda Policial, no Maquinino, se passou na manhã de 5 de Outubro.

Ha bastante tempo, que no mastro que se ergue fóra do portal desse edificio, falta a adriça que permita arvorar-se a bandeira. Essa falta, que não póde ser atribuida ao ex-Comandante da Policia, que por mais duma vez requisitou essa reparação, não foi suprida até á manhã acima citada.

Como no quartel se encontrasse grande numero de recrutas indigenas, a quem pela rudeza dos seus cerebros a Bandeira Nacional nada significava, se explicado lhe não fosse o muito de grande que ela represen a, lembraram-se os leaes patriotas que ali se encontravam, autenticos soldados portuguezes que tão ciosos se mostram sempre em alto, bem alto, levantarem o nome da Patria que servem, e o prestigio do exercito que tanto honram com a sua cooperação—de suprir a falta proveniente da indesculpavel incuria da C. M.

Era preciso levar os novos soldados a fazer a devida continencia á Bandeira, e esta não a havia.

Assim, formados na parada, os recrutas e alguns soldados europeus, a um destes foi conferida a honra de segurar uma vara, onde se achava presa a Bandeira, nesse momento nas mãos dum soldado indigena emquanto o europeu vestia o grande uniforme, depois do que veio segural-a. Numa sentida e patriotica alocução, um oficial inferior procurava fazer com que no espirito rude dos indigenas se abrigasse o respeito e a veneração que a esse simbolo é devido, exaltando no coração desses novos defensores do nosso patrimonio, o mais ardente e o mais puro, por mais singelo amor pela Patria, apontando-lhes sabiamente o caminho do dever, e a grandeza do sacrificio que ao soldado cumpre fazer, para gloria da Patria e defeza da Bandeira, seu simbolo.

Nessa ocasião, entrou na parada um oficial do quadro da India, ha muito ao serviço da C. M. e pouco afecto ao actual regimen, oficial a quem nesse dia foi entregue o comando da Guarda Policial e o Comissariado da Policia.

Ao deparar com o acto que vimos narrando, solene pelo muito que significava, em logar de por sua vez, saudar respeitosamente a Bandeira nas mãos de um nobre soldado, e de louvar a resolução daquele pequeno punhado de briosos militares para quem esse simbolo representa Patria, Familia e tudo que enleva a vida humana, não o fez, e insurgindo-se contra os europeus, vermelho e espumante de ira, ordenou que retirassem dali *aquilo*...

Que era por essas e por outras que as cousas por lá andavam tão abanda*lhadas*. (Sic!)

O facto, irritante pelo que representa, poderia ter dado logar a uma scena desagradavel, se os militares com quem foi passado e os civis em que o oficial citado não reparou, não fossem uns e outros ponderados, e não avaliassem num momento o muito de desprimoroso que seria, em dia tão festivo, qualquer gesto de desafronta á Bandeira, tão mal tratada pelo novo comandante da Guarda Policial dos territorios sob a administração da C. M., e aos militares desrespeitados perante os indigenas, pelo facto grave de serem republicanos e estarem homenageando a Bandeira, simbolo da nossa Patria.

O oficial subalterno que comandava as forças, na parada, tendo mandado destroçar, veio apresentar-se ao Sr. Capitão Guilherme Lopes d'Azevedo, disposto a entregar-se á prisão. Esse oficial, informado do que se passava, rendeu ao distinto militar os elogios que lhe eram devidos, ordenando lhe que voltasse ao quartel e arranjasse um pau, uma vara ou qualquer cousa, onde no quartel da Guarda Policial fosse hasteada, em dia tão solene, a Bandeira Nacional.

E assim foi feito. Um comerciante, estrangeiro, das proximidades do quartel, ao facto do que se passava, ofereceu aos dignos militares um mastro, que foi atado com cordas nos balaustres duma varanda dum dos torriões de entrada, e ali foi pelas 10 horas da manhã, erguido o simbolo, que mostrasse aos estrangeiros ser esta terra territorio portuguez.

....

Espraia-se ainda a *Patria* em largas e justificadas considerações demonstrativas de quanto este acto ofendeu todos os justos principios patrioticos e civicos da população, assim como o respeito e homenagem devida em todos os tempos e em todas as partes á bandeira nacional—simbolo augusto e sagrado da Patria.

A falta absoluta de espaço permite-nos apenas dizer hoje o que fica exposto, pedindo ao ilustre ministro das colonias, ao sr. Governador da Provincia de Moçambique, dr. Alvaro de Castro, que está já inteirado do tristissimo incidente, digno da condenação formal e absoluta de todos os homens e de todos os codigos, o devido e indispensavel castigo para o militar que desrespeitou a bandeira da sua Patria, esquecendo assim duma fórma tão indigna os sagrados deveres que lhe impõem a sua espada e os seus galões. Pois o sr. tenente Vicente Bandeira de Lima, tudo isso lamentavelmente esqueceu só para dar razão aos seus rancores e odios contra um regimen que lhe não pediu ainda para o servir.

Exame de Admissão á Escola Normal

Ana Rosa Branco, José Manuel Moreira e Francisco Fernandes Caleiro, professores em Aveiro, habilitam para estes exames.

Dirigir á Rua do Caes n.º 15 B—Aveiro.

Descarrilamento

Ao kilometro 245, proximo da estação de Mogofôres, descarrilou na tarde de domingo a locomotiva que rebocava o comboio *omnibus* n.º 3, que, vindo de Lisboa, devia chegar a Aveiro ás 18, 30 horas.

Do acidente não resultaram desastres pessoaes, apezar de cinco vagons terem sido arrastados a distancia de alguns metros, sofrendo apenas os passageiros o atrazo na viagem, que não foi pequeno.

De Alfarelos e Pampilhosa seguiram para o local, logo depois de ser conhecido o desastre, comboios de socorro com material e pessoal para proceder ao carrilamento, reparação da via e trasbordo de bagagens, o que depressa foi executado sob as ordens dos engenheiros que superintendem nestes serviços.

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Boma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. João Simões Amaro possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

A crise do papel

E' do teor seguinte a representação que a imprensa dirigiu ao Parlamento, atentas as dificuldades com que luta por via da carestia e falta de papel:

A comissão delegada da imprensa portuguêsa, incumbida de dar cumprimento ás resoluções tomadas na reunião que se efectuou em 24 do corrente, vem junto do govêrno da Republica desempenhar-se déssa honrosa missão, com a antecipada certeza de que será solicitamente atendida. Não ignora o govêrno a grâve crise que a imprensa atravessa, motivada pela carestia de todos os artigos que se empregam na manufactura de jornaes e egualmente sabe como não é possivel, a despeito dos melhores esforços, fazer baixar o preço desses artigos, na sua maioria importados do estrangeiro. A redução das despezas que assim sobrecarregam, dum modo assustador, os jornaes, impõe-se como uma medida inadiavel, sob pena de se reduzir a critica situação milhares de individuos cuja existencia está ligada á propria vida das emprezas jornalisticas. Póde o govêrno cooperar com a imprensa no sentido de se atenuar a crise em que éla se debate e cuja duração as incertezas do momento não permitem prever. Crê a comissão delegada que o govêrno, tendo em conta o facto de ser a imprensa—e ninguem ousaria contesta-lo—uma instituição de utilidade publica, póde, na conjuntura atual, dispensar-lhe, com ligeiro sacrificio para o tesouro, o valioso auxilio que teem merecido outras instituições sob o mesmo justo pretexto. Eis porque a imprensa, que até hoje se tem abstido de apelar para o auxilio material do Estado, julga dever solicita-lo nésta ocasião excécional; pedindo que, temporariamente, lhe seja concedida a isenção de franquia para o transporte de jornaes expedidos pelo correio, quer para agentes quer para assinantes, e tambem a redução das taxas telegraficas e telefonicas das linhas do Estado. A isenção temporaria da franquia é um beneficio semelhante ao que já permanentemente gosam várias entidades a titulo dos serviços que prestam. Quem negará os da imprensa? A redução das taxas do serviço telegrafico e telefonico é compensada, com o tesouro, para o acrescimo que a receita deste serviço sofreu desde o inicio da guerra, em virtude do desenvolvimento do noticiario pelo telegrafo. Não se dirá que a imprensa portuguêsa é exigente nos seus pedidos. Quando tantas e tão variadas industrias gosam de um protecionismo que é a unica razão da sua existencia, a industria jornalistica não recebe do Estado o minimo favor. A propria franquia postal é muito mais cára entre nós do que noutros países, pagando-se quasi o dobro do que se paga em Espanha.

Agradecendo ao govêrno a solicitude que já demonstrou pela causa da imprensa com a iniciativa da proposta de lei apresentada ao Parlamento sobre a questão do papel, a comissão delegada ousa lembrar-lhe a necessidade de se nomear uma entidade oficial que dê cumprimento ao disposto no artigo 4.º, que principalmente interessa aos pequenos jornaes e publicações congeneres, que empregam papel em resma. Não poderão eles aproveitar o beneficio da lei, desde que não possuam recursos financeiros que os habilitem a importar papel do estrangeiro quando na fabricação nacional se verificarem, relativamente ao preço, as condições estabelecidas no artigo 3.º. Entende, por isso, a comissão que, sendo a Imprensa Nacional de Lisboa um estabelecimento do Estado e um dos maiores consumidores de papel em resma, poderia incumbir-se-lhe a função de regular o respectivo preço. A comissão delegada da imprensa, convencida do interesse que á sua causa consagra o govêrno da Republica, espera confiadamente que os pedidos formulados nesta representação obtenham um favoravel acolhimento que aliviará a industria jornalistica dos tremendos encargos que nésta hora dificil a assoberbam.

Saude e fraternidade.

Lisboa, 26 de janeiro de 1916.

A comissão delegada da imprensa portuguêsa

Alguns jornaes, como *A Lucta*, *O Dia*, *A Nação*, *O Povo*, *Republica*, elevaram já para 2 centavos o preço de cada exemplar, mas é de supôr que não o possam manter visto o publico o achar exagerado para os seus recursos.

Então não se pódem saber os nomes de quem assinou a glorificação do amigo regedor de Avanca, tambem conhecido pelo *homem dos desvios*?

Vá, senhores, não tenham vergonha: apresentem os nomes dos *libarais* **que querem vêr Manuel Firmino, o das irmãs da caridade, ao lado de José Estevam na estação do caminho de ferro.**

Vá, vá, para honra da familia, apareçam os *libarais*!

UMA PERSEGUIÇÃO?

Lemos no nosso colega, *Patria*, publicado na Beira, Africa Oriental, a noticia de ter sido transferido para a repartição de agrimensura, afim de prestar serviço de *amanuense*, o sr. Eduardo Verol, que, apezar de estar servindo a Companhia de Moçambique ha aproximadamente dez anos, tem a infelicidade de nunca ter caído nas bôas graças do Governador por ser... *republicano*.

O sr. Eduardo Verol já desempenhou durante cinco anos o logar de chefe duma circunscrição e é por isso que se torne estranhavel a referida transferencia do zeloso funcionario, pois a não ser que ela obedeça ao firme proposito de o ferir, não vemos que doutra maneira se possa explicar a resolução do sr. Governador.

Mas a *Patria* promete tratar mais desenvolvidamente o assunto e então nós a acompanharemos até onde fôr preciso ir para que aos republicanos seja feita a devida justiça e não continuem a desrespeita-los como tem sucedido aos empregados da Companhia de Moçambique.

E' tempo de acabar com o que se passa lá fóra, nas nossas colonias. Aos governos da Republica compéte intervir desde já, não vão os nossos correligionarios arrepender-se do que por ela trabalharam, dos sacrificios que lhe deram, e retrair-se, abandonando por completo a defêsa do regimen, que tanto carece ainda do seu concurso.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

A administração DO Padre Pato

Vimos no ultimo numero o seguinte:

O govêrno concedeu um subsidio de 200:000 reis para a freguezia. No orçamento de 1905 ha 45:000 reis de saldo provavel.

O Pato chama a si os 200:000 reis e mais 45:000 reis de sobras e aplica-os á construção duma residencia para ele e para a Gloria depois de ter sido posto fóra da casa da Senhora das Dôres pela familia Tavares.

Em bom português isto não se chama *roubar a freguezia*, que tanto precisava daquele dinheiro em vários melhoramentos de interesse publico. Ladrões são os outros!

Chama-se: *honesta e escrupulosa* administração... em proveito do Pato.

Venha a nós o pão nosso de cada dia—ensina a santa madre igreja.

* *

Vejâmos agora o **orçamento da despesa da Junta de Arada relativo ao ano de 1906:**

Capitulo 1.º—Despeza obrigatoria n.º 9—60 litros de azeite para a lampada a 260—15:600, e a lampada sempre apagada!...

Capitulo 2.º—Despeza facultativa n.º 21—areia para os adobos da residencia do Pato, 20:000 reis, *e a areia foi tirada no mesmo local da residencia, no terreno paroquial, sem custar 1 centavo como todos viram!...*

N.º 22—Feitio de 8:000 adobos a 500 reis o cento—40:000 reis, *e a maior parte deste trabalho foi gratuito por aproveitamento do serviço braçal que não entrou no orçamento da receita!*

N.º 23—Condução dos adobos 32:000 reis, *e os adobos foram feitos no mesmo local, onde se construiu a casa do padre, como toda a gente viu, não havendo portanto a menor despeza de condução!*

Mas isto era o orçamento.

A honradez do padre Pato e a sua *escrupulosa e legalissima administração* permitiriam que ele gastasse esse dinheiro... quando se não podia ter gastos?

E' o que vâmos vêr no proximo numero para edificação das gentes e do tribunal que nos hade julgar!

Notas mundanas

Por se não ter dado bem de saude, passou de Cheringoma para Neves Ferreira (Vila Machado) o nosso excelente amigo e digno empregado da Companhia de Moçambique, sr. Anibal Rezende, a quem do coração expressâmos os votos que fazemos pelo seu completo restabelecimento.

✤ *Estivéram em Aveiro os srs. José Francisco Marcelino, da Palhaça; Luiz Teiga Junior, de Ilhavo; José Simões Carrêlo, de Cacia; Manuel Francisco Braz, da Povoa e dr. Abilio Marques, da Costa do Valado.*

✤ *Egualmente aqui veio o sr. João Ferreira Ribeiro, de Nariz, que muito estimâmos conhecer, agradecendo-lhe a sua visita.*

✤ *Acentuam-se, embora lentamente, as melhoras do sr. dr. Francisco Soares.*

Manual dos Processos DA Competencia dos Juizes de Paz

E' uma edição póstuma e elucidativa destes funcionarios e seus ajudantes, que a *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, acaba de expôr á venda pelo preço de 25 centávos cada folheto de 78 paginas.

Eis o sumário:

Organisação moderna dos juizes de paz. Golpe de vista sobre a história dos juizos de paz. Relatorio do Decreto de 28 de novembro de 1907. Habilitações dos funcionarios dos Juizos de Paz. Juizes, Escrivães e Oficiaes de Diligencias. Lei organica dos Juizes de Paz. Acções e actos da competencia dos juizes de paz. Processos que correm perante os juizes de paz. Das conciliações. Notas referentes á conciliação. Processo de Coimas e transgressões de posturas. Notas referentes a Coimas e seu processo. Processo e notas á cobrança de pequenas dividas. Das citações. Do juramento em geral. Do processo de despejo e notas referentes a estes processos. Formulario. Modêlo completo dum processo, desde o resto dos autos á autoação, e outras peças do processo, até conclusão final. Remessa dos autos ao tribunal superior, etc.

Necrologia

Pelo falecimento de sua esposa, acha-se de luto o sr. Serafim Rodrigues Pereira, a quem enviamos sentimentos.

A finada esteve durante bastantes anos estabelecida com loja de mercearia, á esquina da rua do Passeio, vulgarmente conhecida por *loja da Luiza da Brites*, mas nos ultimos tempos passou a viver dos seus rendimentos e do produto do trabalho do marido, depois de ter entregado a gerencia do negocio ao sr. Batista Moreira.

CARTAS DUM EXILADO

Ao padre Firmino Marques Tavares

IX

Foi num domingo. Seriam nove horas da noite, e eu estava ainda fóra de casa. Quando me aproximei, notei as lanelas fechadas, deixando atravessar pelas juntas a luz esbranquiçada do acetilene.

Dentro, distinguia-se um ruido natural, que me pareceu ser provocado pelas minhas façanhas no colegio.

Entrei, saudei a todos, e cumprimentei o bom do padre, que era o presidente da *assembleia*.

Conservei-me de pé, e respondi com firmeza ás perguntas do sacerdote que mais uma vez se interessava pela minha tranquilidade e pelo meu progresso na carreira encetada...

— Se pretende continuar com os seus estudos sacerdotais, e sente esme-

rada vocação para contrapôr aos diques do esmorecimento, farei tudo que possa, para, apezar de expulso, ser admitido em outro seminario, seguindo a penosa carreira do sacerdocio.

— Não, meu bom padre, não. Não tenho energia para, depois de expulso, e atendendo á causa, me apresentar numa pleiade de estudantes, que criticarão a minha vida, e olhar-me-hão talvez com desprezo.

— Não receie tais cousas, pois todos, ou a maior parte, são cumplices dessas faltas, que não seriam muito graves se o não comprometesse uma carta que ainda tem em seu poder, e cujo rascunho tambem lhe apreenderam, dirigida ao sr. Ministro do Interior para fechar as portas do colégio em que bebiam a instrução.

Neste interim, levantou-se meu pae, e exigiu-me a dita carta para ser queimada.

— Não está já em meu poder, lhe respondi; inutilizei-a num destes dias.

Todos certos disto, deixaram-me esta recordação, que passo a descrever, tal qual o original:

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Ministro do Interior

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª um facto a que deve atender, não só para conveniencia de muitos, mas ainda para pôr cobro á reacção que diariamente se move entre cêrca duns vinte estudantes, que se dedicam ao estudo sacerdotal.

Isto sucede no logar dos Carvalhos, freguezia de Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia, onde foi extinto o Seminario de preparatorios, e onde continua sob a direcção do Vice-Reitor do mesmo seminario e doutros arreigados jesuitas, um curso de estudantes cobertos invisivelmente com uma batina. Talvez V. Ex.ª ignore que naquela casa reaccionaria nem ao menos os estudantes teem a liberdade de expandir as suas ideias revolucionarias, pois nessa casa serão expulsos, e até Ex.^mo^ Sr. Ministro do Interior clandestinamente se reza missa num quarto erigido em fórma de capela.

E' por isso que venho implorar a V. Ex.ª, para providenciar, sendo possivel á minha causa, extinguindo duma vez para sempre uma casa onde se conspira e maquina contra um regimen de paz e liberdade. O caso é grave, Sr. Ministro do Interior, é preciso puni-lo. Mas isto não é tudo, pois na mesma freguezia ha uma outra casa, com outros tantos estudantes, sob a direcção do mesmo Vice-Reitor, que se dedicam ao mesmo estado, cursando os preparatorios; e como segundo a Lei de Separação, que acato reverente, foi banido tal curso, julguei oportuno memorar a V. Ex.ª o escandalo porque esta freguezia tem passado perante outras, encerrando na sua extensa divisão dois covís de féras reaccionarias, que se V. Ex.ª não os obstruir trarão funestos resultados para a nossa Republica. Peço a V. Ex.ª se digne mandar publicar o que fica dito num jornal.

Saude e Fraternidade.

28 de fevereiro de 1913.

(a) *Eugenio Gomes da Silva Cyrne.*

Foi este o pseudonimo que empreguei para não ser descoberto o auctor, mas tudo inutilmente.

Dissolvida a assembleia, efectuou-se a paz, e todos se recolheram a suas casas satisfeitos e alegres. Entre nós, é que se prolongou por mais tempo um silencio profundo, e era raro cruzar-se a vista, mesmo durante o tempo das refeições.

Passei alguns dias na indolencia, devido mais ao abalo consumado, do que á carestia de afazeres. Dias depois, sem intervenção alguma da minha parte, fui convidado por um amigo para desempenhar o logar de oficial do registo civil no concelho, o que aceitei sem esitação, pois estava em descanço.

(Continua)

Pará, 16 de novembro de 1915.

Avelino d'Almeida

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 2

O primeiro enterro civil

Pois é verdade, caro leitor: realisou-se nesta freguezia o primeiro enterro civil e se os calculos me não falham ainda muitos outros havemos de vêr já que o prior assim o quer.

Mas porque foi assim o enterro de Manuel Dias Pardilhão? Porque era socio de qualquer agremiação anti-catolica? Porque pertencia á Maçonaria? Porque era, emfim, livre pensador? Nada disso. O funeral de Manuel Pardilhão foi civil porque o prior, convidado a encomendar o corpo do extinto, não o reconheceu como seu paroquiano! Mais: recusou-se a acompanhar o cadaver de Manuel Pardilhão á ultima morada!

Não sabemos como classificar este procedimento. O que sabemos é que a familia e toda a gente que teve conhecimento do que se passou, ficaram indignadissimos e de aí a resolução imediatamente posta em prática do enterro civil.

Lá fomos tambem no cortejo até ao cemiterio e confessamos que nos comoveu o respeito com que foi conduzido á sepultura o cadaver do inditoso velhinho.

João Dias Quaresma empunhava a bandeira do antigo *Centro Republicano de Cacia*, que o nosso bom amigo sr. João Afonso Fernandes cedeu com a melhor bôa vontade, e a filarmonica de Angeja executou uma marcha funebre, que tornava ainda mais significativa a grandiosa manifestação que entre nós teve logar.

Altivamente, o povo desta freguezia deu uma lição de civismo que muito o nobilita, pois não esitou em se solidarisar com aqueles que, rompendo preconceitos, mostraram ao padre que não estão dispostos a ser eternamente escravos.

— Tambem faleceu no mez findo a estremosa mãe do nosso conterraneo e amigo, sr. José Simões Carrelo, a quem acompanhamos no grande desgosto porque acaba de passar.

— Tem estado entre nós o sr. dr. Marques da Costa, deputado por o circulo de Aveiro e medico municipal da freguezia.

— Com curta demora, vieram aqui os srs. João Ferreira e Antonio Maria Ferreira, acompanhados de suas familias.

— O tempo continua magnifico não nos lembrando duma quadra tão bôa no inverno como a que temos atravessado este ano.

C.

ANUNCIOS

VENDEM-SE uma terra lavradia, murada, com casa e eira, pôço com nóra, e ramada, proximo da estação de Aveiro.

Mais duas terras lavradias, sitas no limite da freguezia de Arada (Groeira e Filipe).

Para tratar, com Evaristo Ferreira, em Espinho.

Charrette

de 4 rodas, muito leve, constructor *Laturette*. Arreios de verniz e couro inglez, tudo em estado de novo. Vende-se. Falar na *Garage Trindade, Filhos*—AVEIRO.

Aviso

Artur Francisco Cardoso, na qualidade de procurador de João Nunes Ferreira Génio, casado com Maria de Jesus Soldado, moradora na Quinta do Picado, freguezia de Arada, deste concelho de Aveiro, ele morador em Manáus (Brazil) faz publico, no interesse de seu constituinte e de quaisquer pessoas, que o mencionado João Nunes Ferreira Génio não se responsabilisa por quaisquer dividas que a dita Maria de Jesus Soldado haja constituido ou venha a constituir sem a sua outorga.

Quinta do Picado, 4 de fevereiro de 1916.

Artur Francisco Cardoso

Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis

Concurso

A Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, fáz público que abre concurso por espaço de 30 dias a contar da segunda publicação dêste anuncio no Diario do Govêrno, *para provimento do primeiro partido medico désta vila, com residencia nêsta mesma vila, pulso livre, ordenado anual de 250$00, e com obrigação de tratar gratuitamente as pessôas designadas por lei e demais obrigações legáes.*

Os concorrentes devem apresentar na secretaría da Câmara dentro do referido praso, todos os documentos exigidos na legislação em vigôr.

Oliveira de Azemeis e Paços do Concelho, 28 de Janeiro de 1916.

O Presidente da Comissão Executiva,

Anibal Pereira Peixoto Beleza

TEATRO AVEIRENSE

(Sociedade Anónima de responsabilidade limitada)

Entrando em execução, em 5 de fevereiro próximo, os novos Estatutos da Sociedade, fica, por fôrça do art.º 37 e § único do art.º 68, sem efeito a convocação, para 6 do dito mês, dos Srs. Acionistas da Sociedade Construtora e Administrativa do *Teatro Aveirense*. Oportunamente se fará a convocação para cumprimento do citado art.º 37.

Os Srs. Acionistas que desejarem obter exemplares dos novos Estatutos poderão solicitá-los á Direcção, a contar do dia 15 daquêle mês.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1916.

O Presidente da Assembleia Geral,

André dos Reis